

CLIMA

Chuvas recentes deixaram o nível da Barragem do Paranoá no limite. Se houver novas precipitações intensas, comportas serão abertas. Comunidades às margens do curso d'água estão em áreas de risco

Fotos: Kleber Lima/CB/D.A. Press



BASTA UMA CHUVA FORTE PARA QUE O LIMITE DO RESERVATÓRIO SEJA ATINGIDO E AS COMPORTAS, ABERTAS.

PARA LUCILENE, QUE VIVE COM A FILHA LORENA NA REGIÃO, A TRANQUILIDADE DA VIDA RURAL SUPERA A TENSÃO

Ribeirinhos em estado de alerta

IZABEL TOSCANO
DA EQUIPE DO CORREIO

Após a barragem do Lago Paranoá, o sossego é garantido pelo difícil acesso, mata fechada e água que corre das minas. O Rio Paranoá, ladeando algumas casas, completa o cenário. No Núcleo Rural do Boqueirão, onde se chega por estrada de terra, 10 famílias vivem a seis metros da margem do rio. Muitas delas, há décadas. A maioria já se habituou a ficar apreensiva em períodos de chuva forte. Com a cheia do rio e, principalmente, quando as comportas da barragem são abertas, o nível da água sobe tanto que chega a encobrir a estrada que separa as casas do curso d'água. A comunidade já sabe: com chuva e comportas abertas as margens estão proibidas.

“As vezes tenho medo. Uma vez, quando abriram as comportas, a água chegou até o portão. Dava para nadar de uma casa a outra. A gente só toma cuidado para não deixar as crianças perto do rio quando está cheio. Viver sempre assim não é bom, mas não tem outro jeito”, disse a dona de casa Waldicléia Marques Braga, 19 anos, que vive há 17 no Boqueirão.

Ela reside em uma casa a 200 metros do rio, em uma parte de terreno elevado e, portanto, mais seguro. A mãe dela e os dois irmãos, porém, continuam na antiga residência, de frente para o rio. Há alguns anos, os seis metros que separam as águas das casas eram 10. A chuva e a cheia das águas provocaram desabamentos de terra. “Uma vez, pesquei um peixe sem sair de casa porque a água chegou até o portão. Os bombeiros vêm nos avisar quando vão abrir as comportas e pedem para que a gente fique longe”, afirmou um dos irmãos de Waldicléia, o desempregado Genderlúcio Marques Braga, 22. A última abertura ocorreu em fevereiro do ano passado.

Iminência

A Companhia Energética de Brasília (CEB) não tinha previsão de abrir as comportadas da barragem em abril, mas o procedimento que evita que a estrutura se danifique com a pressão da água pode estar prestes a ocorrer. O limite para operar a usina com segurança, de 1.000,80 metros cúbicos de água com relação ao nível do mar, está próximo. Na tarde de ontem, a régua indicava 1.000,78 metros cúbicos.

Caso o tempo permaneça estável, o nível do lago cai até 2 centímetros por dia, já que, como a

usina está operando próxima ao limite, 30 mil litros de água são liberados por segundo. Mas uma chuva forte, de 22 milímetros, por exemplo, seria suficiente para que o nível máximo do lago fosse atingido. Na madrugada de segunda-feira, em seis horas choveram 98,1 mm. Para hoje, o acúmulo de água estimado pelo Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) é de 5 a 10 mm. À noite, esse valor pode aumentar para até 30 mm nas regiões sul, oeste e sudeste do DF, em função de uma frente fria que se anuncia.

Até por isso, o diretor de geração da CEB, Hamilton Carlos Naves, reforça o alerta aos ribeirinhos. “As pessoas vêm pescar e nadar nos arredores da barragem sabendo que é proibido. Quando abrimos as comportas, a vazão é forte e grande”, alerta Hamilton.

O procedimento é feito gradualmente para que uma grande quantidade de água não seja lançada de vez no meio ambiente.

“São três comportas. Cada uma é aberta de cada vez e o vão tem de 10 a 30 cm. Com elas abertas, o nível do rio pode subir de 30 a 50 cm, já que o dobro de água que normalmente sai é lançado. Mas não é devastador”, garantiu Hamilton Naves.

Duas horas antes de as comportas serem abertas, Defesa Civil e Corpo de Bombeiros atuam em terra e ar para avisar moradores e visitantes para que se afastem. Uma sirene de longo alcance é acionada. “Após o o.k. deles é que começamos o procedimento”, concluiu Hamilton.

Tranquilidade

Para as famílias que vivem na região, a riqueza do rio e a paz são superiores aos momentos de tensão. A dona de casa Lucilene Salgado Braga, 26, mora com o pai, o irmão, a cunhada e os filhos, Lorena, 4, e Leonardo 11, há 10 anos no Boqueirão. “No ano passado, os bombeiros pediram para a gente sair. Tive medo por causa do meus filhos e passei dois dias fora, mas a água não chegou até a casa e não estragou nada. Não quero mais sair daqui. Amo este lugar”, contou Lucilene.

Morador da região, numa área a 500 metros do rio, o comerciante Luiz Armando dos Santos, 39, lembra das vezes em que foi alertado para se afastar da margem. “Sempre nado ou pesco no rio. Quando os bombeiros vêm nos avisar, temos que sair rápido porque a água desce violenta”, contou. A Defesa Civil alerta que, em épocas de chuvas, a população deve evitar a área da barragem.



GENDERLÚCIO E WALDICLÉIA VIVEM NO NÚCLEO RURAL DO BOQUEIRÃO E JÁ PESCARAM NO QUINTAL DE CASA EM DIAS DE CHEIA NO RIO PARANOÁ

SINAL AMARELO

Em época de chuva intensa, quando há a possibilidade de as comportas da Barragem do Paranoá serem abertas, moradores do Núcleo Rural Boqueirão passam a viver em área de risco.

